



## ESQUIFE DE GATO

### O GATO PARA A CULTURA DO EGITO ANTIGO

Animais começaram a ser representados na arte egípcia já nos seus primórdios, durante os períodos pré-dinásticos (c. 4000 a.C.). Foi durante esse período que os egípcios iniciaram a padronização da escrita hieroglífica, composta principalmente por imagens de animais. A cosmovisão egípcia indicava diversas maneiras de representação desses animais e seu caráter simbólico. Poderiam exprimir conceitos básicos de distinção, realeza, ou mesmo trazer elementos mais complexos. No entanto, uma característica elementar da relação entre os egípcios e os animais por eles representados é a sua dimensão mediadora. Os animais trariam em si o *ba* (a alma, ou força criadora) da divindade e teriam a função de aproximar os homens dos deuses, fazendo a ligação entre o mundo material e o mundo espiritual (BRANCALION, 2001; REDFORD, 2001).

Entretanto, não havia entre os egípcios uma zoolatria propriamente, na qual os animais eram divinizados simplesmente por serem animais. Os animais sagrados eram emanações dos deuses egípcios, representações vivas dessas divindades e guardiões dos seus poderes místicos. Acredita-se que o culto aos animais tenha surgido a partir da Baixa Época (c. 664 a.C.) e alcançou seu máximo grau de desenvolvimento durante o Período Romano (c. 30 a.C. – 395 d.C.). Especula-se também que o culto e a prática da mumificação de animais aceleraram-se como forma de afirmação cultural em um momento histórico em que o Egito se abria para o contato com outros povos (BRANCALION, 2001).

Dentre os diversos animais representados como divindades na mitologia egípcia, destaca-se aqui o gato. Gatos selvagens, principalmente da espécie *Felis silvestris lybica* (Fig. 1), eram abundantes no Egito, sobrevivendo da caça de pequenos roedores do deserto. Com o início dos assentamentos humanos nas margens do Nilo, e do domínio técnico da agricultura pela civilização egípcia, os gatos selvagens passaram a conviver mais próximos dos humanos, pois conseguiam alimento abundante nos vilarejos. Supõe-se que tenham sido domesticados já no período das primeiras dinastias, em uma relação de dependência e ajuda mútua. Gatos auxiliavam no controle das pragas que consumiam os estoques de grãos, como roedores e insetos, e eram também utilizados na caça de pequenos animais nas margens lamacentas do rio Nilo. Dentro das casas, gatos eram mantidos como animais de proteção contra cobras e escorpiões (MALEK, 1997; BRANCALION, 2001).

O gato selvagem do Egito antigo é o mais remoto ancestral dos atuais gatos domésticos e a relação constituída entre a civilização ocidental e esses animais passa, também, pela relação que os antigos egípcios tinham com esse animal. Uma forma de compreender o apreço e a estima que existem hoje em relação aos gatos domésticos é através do resgate da arte e da cultura egípcias. Assim, pela familiaridade e o reconhecimento, pode-se entender o porquê desses animais serem considerados tão fascinantes ainda nos dias de hoje (MALEK, 1997).



Figura 1

**Gato Selvagem Africano (*Felis silvestris lybica*)**

Wikimedia Commons

## O ESQUIFE DE GATO DA COLEÇÃO EVA KLABIN

A mitologia egípcia indica que o deus sol Rê, em sua batalha contra a serpente do caos Apópi, era representado como um gato decapitando a cabeça do monstro. Esse é um dos relatos mais antigos da presença de felinos nos mitos egípcios, indicando que a relação entre os habitantes do Antigo Egito e os felinos é muito antiga.

Mas foi a partir da identificação com a deusa Bastet, ainda nos primórdios da civilização egípcia, que a figura do gato passou a ter muito destaque na religiosidade desta civilização. A presença de Bastet no panteão egípcio vem desde o Antigo Império e tinha o seu centro de adoração na cidade Bubastis, dali espalhando-se para diversas cidades ao longo do curso do Nilo. Bastet era considerada o olhar benevolente de Rê, representando o amor, a doçura e a fertilidade, protetora das grávidas e das crianças. Por conta desses atributos, ligados à maternidade e à família, a popularidade do culto de Bastet resultou no aparecimento de cemitérios com múmias de felinos, que eram sacrificados e mumificados para servirem como elemento votivo para a deusa (BRANCALION, 2001; REDFORD, 2001).



Figura 2

### Esquife de gato

Egito, Período Ptolomaico ao Romano (304 a.C – 395 d.C.)

Madeira estucada e policromada e traços de resina

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

É dentro desse contexto que encontramos o Esquife de Gato (Fig. 2), uma das muitas peças que integram o acervo egípcio da Casa Museu Eva Klabin. Produzida entre os períodos ptolomaico e romano (304 a.C. – 395 d.C.), a figura do gato impressiona pelos detalhes zoomórficos. O animal tem uma apresentação esbelta e forte, como se estivesse atento ao seu redor. Encontra-se na posição sentada, com as duas patas dianteiras servindo como apoio. Pode-se observar a presença de uma cauda comprida, que repousa à sua direita. O estuque aplicado à madeira permite que a peça receba um acabamento mais detalhado. Percebe-se exatamente essa atenção aos detalhes quando observamos o focinho do animal, onde o nariz, a boca, os bigodes e as orelhas foram pintados de preto, para que assim ficasse mais parecido com um animal vivo – provavelmente uma influência da escultura greco-romana. Por fim, na parte traseira da peça, observa-se uma tampa por onde se colocava a múmia do gato e que fechava o ex-voto (MIGLIACCIO, 2007).

Por sua associação com o ambiente doméstico, Bastet, a partir de sua representação como gato, também se faz presente em peças que retratam o cotidiano – pinturas parietais que mostram a rotina da casa, inscrições ilustradas que relatam a vida familiar, ou estelas funerárias fazendo alusão à família do morto. Dentro dessa perspectiva encontramos outra peça já apresentada no *Parla!*, que é a Estela funerária de Thutmés (Fig.3). Produzida quase mil anos antes do Esquife de Gato, a



Figura 3

**Estela funerária de Thutmés**

Egito, final da XVIII Dinastia – Amenhotep III (c. 1391 – 1353 a.C.)

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)





Figura 4

**Cena de Caça (Tumba de Nebamun)**

Egito, c. 1350 a.C.

Pintura em afresco

Londres, Museu Britânico (UK)

estela de Thutmés mostra um momento de devoção privada, onde aparecem Thutmés e sua esposa, Amememopet, preparando oferendas para Osíris. Observa-se abaixo da cadeira de Amememopet a figura de um gato. Sua presença na composição da cena pode conter vários significados: invocar proteção para a mulher, demonstrar o desejo da família em ter mais filhos, louvar a feminilidade da esposa, ou mesmo demonstrar que a família vivia em um ambiente de muita harmonia.

## **OBRAS DE ARTE E ARTEFATOS EGÍPCIOS RELACIONADOS AOS GATOS**

Nebamun foi um escriba e funcionário de certa relevância no complexo de templos de Tebas, por volta de 1350 a.C., durante a XVIII Dinastia. Sua tumba foi encontrada em 1820 e hoje integra o acervo do Museu Britânico. A tumba era ricamente adornada com pinturas parietais em afresco, muito coloridas e finamente decoradas. O esmero na composição dos detalhes dá testemunho do prestígio e da posição que Nebamun gozava. Chama a atenção, entre as pinturas parietais, uma cena de caça incrivelmente detalhada (Fig.4). Nebamun encontra-se de pé, sobre uma pequena canoa de papiros, pronto para capturar alguns pássaros às margens do rio Nilo. Junto dele, vê-se um enorme gato auxiliando na caça das aves. Seu pelo é de um castanho rubro, listrado com finas linhas em preto. Essas mesmas linhas realçam a



Figura 5

**Figura de gata amamentando**

Egito, c. Período Greco-Romano

Cobre

Londres, Museu Britânico (UK)

textura do pelo desse animal. Equilibrando-se sobre um galho de papiro, o gato de Nebamun abocanha a asa de um pato enquanto segura, com as patas dianteiras e traseiras, outros dois pássaros. A cena de caça de Nebamun atesta a importância dos gatos como animais auxiliares na caça (MALEK, 1997).

Também presente no acervo do Museu Britânico, encontra-se a estatueta de uma gata amamentando seus filhotes (Fig. 5). Ela está deitada, com o ventre para frente. Três pequenos filhotes também se deitam no chão, de frente para o ventre da gata, e dali retiram o seu alimento. Um quarto filhote lambe gentilmente o focinho da mãe, em terna demonstração de afeto. A estatueta, feita em bronze, entre 664 e 30 a.C., seria mais uma peça que demonstra o lado carinhoso e materno do gato, em sua associação com a deusa Bastet (MALEK, 1997).

A partir da XXII Dinastia, o culto de Bastet passou a ser relacionado intimamente com o culto de Sekhmet, a deusa com cabeça de leoa consagrada à guerra, à violência e ao poder. Essas deusas felinas passaram então a atuar de forma interdependente, sendo uma a força oposta e complementar da outra. Enquanto Bastet era louvada por sua candura e cuidado, Sekhmet era temida por sua ferocidade e beligerância (BRANCALION, 2001; REDFORD; 2001). Desta forma, tem-se o relevo de Sekhmet (Fig. 6), peça que também integra o acervo egípcio da CMEK. Nela observa-se a deusa leoa de perfil, respeitando-se a lei da frontalidade da arte egípcia. A cabeça da deusa é extremamente detalhada, mostrando olhos humanizados e incisões ao longo do focinho, detalhando seus pelos. Vê-se também o detalhamento de uma juba e de um toucado, que pende até a altura do colo. Em contraste, o relevo do corpo e da túnica que cobre a divindade é extremamente simplificado (MIGLIACCIO, 2007).





Figura 6

**Sekhmet**

Egito, XXI a XXII Dinastias (c. 1070 – 909 a.C.)

Pedra calcária

Rio de Janeiro, Casa Museu Eva Klabin (BR)

**BIBLIOGRAFIA**

BRANCALION JR., Antônio. *Tempo, matéria e permanência: o Egito na coleção Eva Klabin Rapaport*.

Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

MALEK, Jaromir. *The Cat in Ancient Egypt*. Filadélfia: The University of Pennsylvania Press, 1997.

MIGLIACCIO, Luciano. *A Coleção Eva Klabin*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2007.

REDFORD, Donald B (Org.). *The Oxford Encyclopaedia of Ancient Egypt*. v. 1. Oxford: Oxford University Press, 2001.